

VENCER UM GRANDE HERÓI É MAIS HEROICO: TRADUÇÃO E COMENTÁRIO DA CARTA DE DEJANIRA A HÉRCULES, DAS *HEROIDES* DE OVÍDIO (EP. 9)

João Victor Leite Melo

Universidade Federal do Espírito Santo

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8683-2179>

joaoxv11@gmail.com

RESUMO

Nas *Heroides*, Ovídio imaginou Dejanira escrevendo uma carta para Hércules, seu esposo, logo após ter ouvido dizer que ele havia conquistado o reino de Ecália e se apaixonara por Íole. Indignada com a suposta traição, Dejanira compõe um texto no qual os grandes feitos do herói são recapitulados não para exaltá-lo, mas para diminuí-lo. A construção retórica de seu discurso, associada à relação intertextual estabelecida com as *Metamorfoses*, poderia levar o leitor a reconhecer que, na verdade, ela é a verdadeira heroína da história, como pretendemos demonstrar neste artigo, baseados em nossa tradução para o poema ovidiano.

Palavras-chave: Ovídio; *Heroides*; Carta de Dejanira a Hércules; Tradução poética.

ABSTRACT

In the *Heroides*, Ovid imagined Dejanira writing a letter to Hercules, her husband, shortly after hearing that he had conquered the kingdom of Ecalia and had fallen in love with Iole. Indignant about the allegedly case of adultery, Dejanira composes a text in which the greatest deeds of the hero are recapitulated not to exalt him, but to inveigh him. The rhetorical construction of her discourse, associated with the intertextual relationship established with the *Metamorphoses*, could lead the reader to recognize that, in fact, she is the real heroine of the story, as we intend to demonstrate in this article, based on our translation of the Ovidian poem.

Keywords: Ovid; *Heroides*; *Epistula 9*; Poetic translation.

INTRODUÇÃO E COMENTÁRIO À CARTA DE DEJANIRA A HÉRCULES

Protagonista dos célebres doze trabalhos e outras tantas aventuras, Hércules talvez seja uma das personagens mais conhecidas da Antiguidade. Por outro lado, relembando a fala do deus-río Aqueloo em um trecho das

Metamorfoses (9.8-9), quantos terão ouvido falar em Dejanira, última esposa do famoso herói e principal responsável pela sua morte física?

De fato, ainda que procurássemos seu nome em compêndios mitológicos, como, para citarmos poucos exemplos, a *Bibliotheca historica*, do grego Diodoro da Sicília (80-20 a.C.), as *Fabulae*, do romano Higino (64 a.C.-17 d.C.), ou até mesmo o recente *Dicionário da mitologia grega e romana*, do latinista francês Pierre Grimal (2011), dificilmente encontraríamos alguma informação que nos motivasse a vê-la como uma heroína. No entanto, parece ser exatamente essa nova imagem de Dejanira que Ovídio propõe ao leitor das *Epistulae heroidum* (“Epístolas das heroínas”, mais comumente chamadas *Heroides*), seja pela construção retórica do discurso da personagem na carta endereçada a Hércules, seja pela notória relação intertextual que o poema estabelece com trechos dos livros 8 e 9 das *Metamorfoses*, como veremos adiante.

Embora parte dos estudiosos suponha que as quinze primeiras cartas da coletânea devem ter sido compostas entre 20 e 13 a.C., ou seja, antes da escrita das *Metamorfoses* (FULKERSON, 2009, p. 79), importa à presente análise não a cronologia histórica das obras, mas sim a coincidência da cronografia encenada,¹ haja vista que, de acordo com Liveley (2008, p. 87), as *Heroides* podem ser vistas como discursos de personagens secundárias que “congelam” (*freeze*) parte do enredo de alguma história canônica anterior, da qual fizeram parte, como se “parassem o tempo” (*stopping the clock*) em determinada passagem e, a partir de então, começassem a redigir suas missivas.

Nesse sentido, tendo em vista que os 168 versos da carta de Dejanira, nas *Heroides*, ampliam o tempo de uma pequena cena esboçada nas *Metamorfoses* (precisamente em 9.134-157), cumpre tecer algumas palavras sobre as duas únicas vezes que a personagem participa da obra, pois elas servirão como chaves de leitura essenciais à interpretação da carta que ora traduzimos.

Na versão narrada por Ovídio, Dejanira é filha de Alteia e Eneu, rei da Caledônia. Sua primeira aparição nas *Metamorfoses* ocorre no fim do episódio referente à caçada de um javali, no qual Meléagro, irmão da heroína, acaba matando os próprios tios (*Met.* 8.270-444). Ato contínuo, indignada pelo ímpio assassinato dos irmãos, Alteia decide colocar fogo no lenho a que, por

¹ Na cenografia, conforme a define Maingueneau (2018, p. 252), são validados o espaço (*topografia*) e o tempo (*cronografia*) da enunciação. Na verdade, ao partir da *situação de comunicação*, considera-se o processo de comunicação, de certo modo, “do exterior”, de um ponto de vista sociológico. Em contrapartida, quando se fala de *cena da enunciação*, considera-se esse processo “do interior”, mediante a situação que a fala pretende definir, o quadro que ela mostra (no sentido pragmático) no próprio movimento em que se desenrola (MAINGUENEAU, 2018, p. 250, grifo do autor).

maldição das Parcas,² estava associado o tempo de vida do filho, fazendo com que ele, mesmo à distância, morresse queimado (*Met.* 8.445-525; *Ep.* 9.156). Profundamente abalada, Altea se suicida e suas filhas choram, inconsoláveis, a autodestruição da família. Por fim, a deusa Diana intervém, transformando todas elas em aves, exceto Dejanira, aludida pelo circunlóquio “a nora da nobre Alcmena” (*nurus nobilis Alcmenae*), e uma de suas irmãs, Gorge, nominalmente citada (*Met.* 8.531-546; *Ep.* 9.165).

A heroína retornará com mais destaque no Livro 9, que tem início com o deus-rio Aqueloo contando como foi sua luta contra Hércules por causa de Dejanira, visto que ambos desejavam desposá-la (*Met.* 9.1-88; *Ep.* 9.139-140). Tendo derrotado Aqueloo, Hércules se casou com ela e, mais tarde, ao ter de cruzar o rio Eveno, na Caledônia, matou o centauro Nesso com uma flechada no peito, pois este havia tentado violentar sua esposa enquanto a atravessava de uma margem a outra (*Met.* 9.101-128; *Ep.* 9.141-142).

Pela narração onisciente de Ovídio, ficamos sabendo que, antes de morrer, Nesso pensa em uma vingança; arranca a flecha do corpo e entrega sua túnica ensanguentada a Dejanira, dizendo que seu sangue tinha o poder de “estimular o amor” (*inritamen amoris*, *Met.* 9.129-133). Depois de muito tempo, ao saber que o marido estava retornando vitorioso da Ecália, cidade da Eubéia, ouviu boatos de que ele havia se apaixonado por Íole, filha de Êurito, que lá reinava antes de Hércules tê-lo assassinado (*Met.* 9.134-140; *Ep.* 9.1-6, 129-130). Recendo a possibilidade de ser trocada pela nova amante, Dejanira decide enviar aquele manto ao esposo, por meio do mensageiro Licas, acreditando que, desse modo, reacenderia o amor de Hércules por ela (*Met.* 9.141-157; *Ep.* 9.161-163).

A partir daí, Ovídio descreve, com minuciosa plasticidade verbal, a morte do herói. Após receber e vestir o manto impregnado com o sangue de Nesso – misturado ao veneno da hidra de Lerna, pois a flecha que o matara continha tal substância³ –, Hércules sucumbe, torturado por uma irremediável dor causada pelo tecido, que grudara definitivamente em sua pele (*Met.* 9.159-175). Ele resolve se suicidar, atirando-se numa pira, não sem antes proferir um longo discurso à deusa Juno, sua madrasta, no qual recapitulará algumas de suas principais façanhas (*Met.* 9.176-210). Comovido pelo sofrimento do filho, Jove decide retirá-lo de seu invólucro carnal, transportando-o consigo, em sua forma divina, para os céus superiores (*Met.* 9.239-272).

² Cloto, Láquesis e Átropos, três deusas que fiavam os destinos (*Met.* 2.654; 5.532; 8.452; 15.781).

³ Após derrotar a hidra de Lerna, Hércules mergulhou suas flechas no sangue do monstro, de modo que elas passaram a provocar feridas incuráveis (*Met.* 9.126-130; *DIOD.* 4.11.5-6; *HIG.* 33.3).

Interessante notar que, após brevíssima participação na obra (*Met.* 9.134-157), Dejanira não aparecerá mais nas *Metamorfoses*. Em meio a tantas digressões manipuladas por Ovídio, o leitor não fica sabendo o que aconteceu com ela após isso tudo. Essa lacuna, como supomos, é preenchida justamente pela *Epistula* 9, haja vista a carta começar fazendo referência à conquista da Ecália por parte de Hércules, bem como a seu suposto romance com Íole, ou seja, “congelando”, na expressão de Liveley (2008), o tempo narrativo daquela obra.

A intertextualidade com a cenografia das *Metamorfoses* se torna mais explícita quando vemos Dejanira discorrer sobre os mesmos episódios citados por Hércules em seu discurso final, tais como: a vez em que sustentou o céu no lugar de Atlas (*Ep.* 9.17-18; *Met.* 9.198), o esfolamento do leão da Nemeia (*Ep.* 9.61-62; *Met.* 9.197), a morte de Diomedes, rei da Trácia (*Ep.* 9.67-68, 89-90; *Met.* 9.194-196), a derrota de Busíris, rei do Egito (*Ep.* 9.69-70; *Met.* 9.182), o estrangulamento do gigante Anteu (*Ep.* 9.71-72, 97-98; *Met.* 9.183), a captura do javali de Erimanto (*Ep.* 9.87; *Met.* 9.192), a luta com Gerião e furto de seu rebanho (*Ep.* 9.91-92; *Met.* 9.184), a ida ao submundo em busca do cão Cérbero (*Ep.* 9. 93-94; *Met.* 9.185), o fim da hidra de Lerna (*Ep.* 9.95-96; *Met.* 9.193) e o massacre dos centauros (*Ep.* 9.99-100; *Met.* 9.191).

Porém, enquanto nas *Metamorfoses* todos esses eventos foram lembrados na voz do próprio herói, de modo a ilustrar quão gloriosa foi a sua trajetória terrena, nas *Heroides* eles são recapitulados por Dejanira não para enaltecê-lo, mas para diminuí-lo, pois, com o propósito de invectivar o marido, ela intercala tais ações mencionando, além do estupro de Auge, no monte Partênio (*Ep.* 9.49), a traição de Hércules com Astidameia, da qual resultou um filho, chamado Ctésipo (*Ep.* 9.50; DIOD. 4.37.4-5), as cinquenta filhas de Téspio, todas engravidadas por ele (*Ep.* 9.51-52; DIOD. 29.2-6), e, mais ostensivamente, a filha de Iárdano e rainha da Lídia, Ônfale (*Ep.* 9.103), que também teve um filho com o herói, chamado Lamo (*Ep.* 9.54; DIOD. 4.31.7-8).

Seguindo a versão na qual Hércules teria servido como escravo durante algum tempo na corte de Ônfale (DIOD. 4.31; HIG. 32.4), Ovídio amplifica tal episódio, fazendo Dejanira descrevê-lo como um amante submisso e efeminado,⁴ baseada no que “ouviu dizer” (*Ep.* 9.119) a respeito de seu comportamento naquele período (*Ep.* 9.55-66, 73-82, 111-118). Em nossa leitura, o argumento mais incisivo para diminuí-lo em relação à filha de Iárdano consiste na elaboração do seguinte silogismo:⁵ assim como seria mais

⁴ Interessante notar que essa efeminação não consta em Diodoro (1967), tampouco em Higino (2009). Grimal (2011, p. 337) indica que o modo como Hércules passou a se vestir em sua passagem pela Lídia, bem como o fato de Ônfale ter utilizado as armas do herói como enfeites, provém de variações menos tradicionais do mito.

⁵ Recurso de indução retórica que gera um conteúdo de construção causal, como, neste caso, uma proposição a partir da qual se segue uma conclusão (LAUSBERG, 2011, p. 220).

difícil vencer o grande Hércules do que executar todos os trabalhos que ele concluiu, de igual modo, aquele que o vencesse teria realizado façanha maior do que a soma de todos os seus feitos anteriores, podendo ser considerado, por essa razão, mais glorioso do que o próprio herói (*Ep.* 9.105-108). Por meio desse raciocínio, a personagem consegue reduzir Hércules à imagem de um troféu nas mãos da vencedora Ônfale (*Ep.* 9.103-104).

Perto do fim da carta, Dejanira recebe a notícia de que o esposo estava morrendo por causa do manto que ela lhe enviara (*Ep.* 9.143-148). A partir de então, seu discurso passa, abruptamente, do tom irônico e invectivo a uma espécie de envilecimento arrependido de si mesma, rememorando todas as tragédias ocorridas em sua família, como a dolorosa morte de Meléagro, o exílio de seu outro irmão, Tideu, (*Ep.* 9.155-156), a usurpação do trono que pertencia ao seu pai, Eneu, por parte de seu tio, Ágrio (*Ep.* 9.153-154) e, por fim, o suicídio de sua mãe, Alteia (*Ep.* 9.149-158).

A julgar pelas quatro repetições do verso *impia quid dubitas Deianira mori?* (“ímpia Dejanira, por que hesitas em morrer?”), somos levados a imaginar que ela também cometerá suicídio após as despedidas finais (*Ep.* 9.165-168). Entretanto, para além da afetação típica do queixume elegíaco, chama a nossa atenção o fato de a heroína ter elaborado aquele silogismo, o qual, embora se aplicasse a Ônfale na primeira metade da carta, acaba servindo e enaltecendo a ela mesma, a despeito de suas “verdadeiras” intenções, pois, se o comportamento servil de Hércules, quando estava na cidade da Frígia, denotava ter sido ele vencido por Ônfale, transferindo, por esse motivo, toda a sua glória àquela rainha (*Ep.* 9.109-110), então, tendo em vista o desfecho da história, o eventual leitor poderia reconhecer que a invencibilidade do semideus foi suplantada, em última instância, por Dejanira, já que ela, embora inadvertidamente, foi a responsável pela morte do herói a quem “nem Juno nem a série interminável de trabalhos jamais puderam vencer” (*Ep.* 9.5-6).

Antes de concluirmos, vale destacar outro significativo recurso retórico utilizado na argumentação da heroína, que também dá margem para suspeitarmos do “não dito” em sua complexa e exprobatória carta de suicídio. Trata-se de uma preterição,⁶ por meio da qual, após discorrer sobre as inúmeras causas de seu sofrimento, proporcionado pela longa ausência de Hércules (*Ep.* 9.27-48), ela afirma que “não iria mencionar” (*non referam*) os casos envolvendo Auge, nem Astidameia, nem as cinquenta tespíades (*Ep.* 9.49-52), mas quealaria “unicamente” do referido adultério com Ônfale (*Ep.* 9.53-54). Em nossa perspectiva, a presença da preterição nesse trecho reproduz o efeito

⁶ A preterição consiste em anunciar expressamente a intenção de deixar de lado o tratamento exaustivo de um ou de vários objetos referidos no discurso (LAUSBERG, 2011, p. 243-244).

de uma “ironia retórica”, utilizada quando o enunciador “quer que a afirmação seja compreendida pelo ouvinte como ironia” (LAUSBERG, 2011, p. 253), visto que, ao dizer que não dirá, ela acaba dizendo.

Se, por um lado, segundo Lausberg (2011, p. 253), “o orador pode querer, com a dissimulação irônica, obter imediatamente no ouvinte este estado de compreensão” – como parece ser o caso da preterição empregada no trecho supracitado –, por outro, ele “pode querer jogar, durante algum tempo, com o estado passageiro de mal entendido”, o que nos leva a desconfiar também da negação implicada no pedido final feito pela personagem, em que ela implora (dissimuladamente?), pelas mais sagradas leis do matrimônio, que “*não* pareça” (*ne uidear*) ter sido voluntário seu gesto fatal (*Ep.* 9.159-160).

Embora logo em seguida ela justifique o ato, contando o que Nesso lhe havia dito sobre o poder de seu sangue (*Ep.* 9.161-163), convém lembrar o fim daquela breve cena das *Metamorfoses*, na qual, após cogitar sobre como deveria agir frente às notícias de que Hércules estava retornando vitorioso e apaixonado por outra mulher, Dejanira conclui seu solilóquio com esta pergunta retórica: “E se eu preparar um crime, ó Meléagro, lembrada de que sou tua irmã, e, degolando a amante, mostrar o quanto pode a dor de uma mulher ultrajada?” (*Met.* 9.149-151, tradução nossa).⁷ Mais uma vez, não obstante o teor de sua fala estar direcionado à figura de “outra” – no caso, Íole –, o fim da história prova que, de fato, a heroína deu mostras do quanto era capaz ao extinguir, não a potencial amante do marido, como imaginara a princípio, mas sim, o que é mais notável, o próprio Hércules.

Pelo acima exposto, supomos ter sido possível endossar nossa interpretação, instigados pela construção retórica do discurso de Dejanira, de que ela poderia ser considerada a verdadeira heroína (ou vilã?) da história, o que logra conferir, a nosso ver, além de sugestiva chave de leitura para a carta ovidiana, um destaque especial à princesa da Caledônia, comumente representada como coadjuvante menor e passiva frente à memorável performance mítica do esposo semideus (*Ep.* 9.27-36), vencido, no fim das contas, por uma mulher mortal.

Ademais, os caminhos intertextuais acima esboçados permitem considerar, finalmente, que, assim como os livros 8 e 9 das *Metamorfoses* fornecem subsídios para contextualizar a carta de Dejanira, do mesmo modo a *Epistula* 9 das *Heroides* parece realizar a função de complemento mais detalhado e problematizado do perfil psicológico da personagem naquela obra, bem como em todas as outras que trataram das aventuras e desventuras de Hércules.

⁷ *Quid si me, Meleagre, tuam memor esse sororem | forte paro facinus, quantumque iniuria possit | femineusque dolor, iugulata paelice testor?*

SOBRE A PRESENTE TRADUÇÃO

Dentre as inúmeras possibilidades de combinações métricas e rítmicas utilizadas em traduções que pretendem emular, em alguma medida, a dinâmica do dístico elegíaco latino, formado pela alternância entre verso hexâmetro e pentâmetro, ambos datílicos,⁸ Oliva Neto (2015, p. 160)⁹ afirma que “o decassílabo heroico ou sáfico justaposto ao alexandrino, ou ao dodecassílabo só acentuado na sexta sílaba ou ao dodecassílabo ternário é ainda e sempre excelente solução para verter o dístico elegíaco antigo”, pois, de acordo com o estudioso, o par formado por esses versos repercute a alternância de um verso mais longo e um mais breve que, enfim, é o traço característico do andamento elegíaco.

Levando em consideração o uso desse modelo de dístico vernáculo por abalizados tradutores de poesia latina elegíaca, o qual, “devido à crescente fortuna crítica e prática, já configura, em língua portuguesa, uma tradição e uma escola” (MELO, 2021, p. 80), vertemos os dísticos do texto de partida por pares de dodecassílabos e decassílabos, com tônicas principais marcadas nas sextas sílabas.

Ao realizarmos a presente tradução, consultamos o trabalho de Émile Ripert (OVIDE, 1932) e seguimos, principalmente, a edição crítica do texto latino estabelecida por Henri Bornecque (OVIDE, 1961), reproduzida no final deste trabalho. Os versos entre colchetes, por não constarem ou estarem ilegíveis em cópias provenientes do *Codex Parisinus* 8242 (séc. IX), são considerados pelo referido editor como interpolações, pois só aparecem em manuscritos mais tardios (OVIDE, 1961, p. xx-xxi).

Para preencher as informações de alguns enredos que, conforme nossa pesquisa, não parecem ter sido tratados em outras obras ovidianas, utilizamos como referência os mitos compilados por Diodoro da Sicília (DIOD. 1967) e Higino (HIG. 2009), os quais, por estarem situados no século I a.C., oferecem proveitoso testemunho das versões mais correntes à época de Ovídio.

⁸ Hexâmetro é o verso latino formado por seis pés datílicos, cada um formado por uma sílaba longa seguida de duas breves. Já o pentâmetro, embora fosse assim chamado pelos metricistas antigos, é antes variação do hexâmetro, pois, segundo Oliva Neto (2015, p. 152), ele é hexâmetro duplamente catalético.

⁹ No referido artigo, Oliva Neto apresenta onze elegias de Propércio, traduzidas com o que ele chama de “o verdadeiro dístico vernáculo de Péricles Eugênio da Silva Ramos”, composto por alexandrino perfeito seguido de decassílabo heroico. De nossa parte, assim como a maioria dos tradutores brasileiros que optaram pelo formato 12/10, abrimos mão do requinte parnasiano na composição dos dodecassílabos, mas mantivemos as tônicas de todos os versos nas sextas sílabas.

Outras questões referentes ao texto latino e eventuais personagens que não foram mencionadas mais acima estarão em notas de rodapé. Feitas as devidas considerações, segue nossa proposta:

DEJANIRA A HÉRCULES (EP. 9)

Teres subjugado a nós Ecália, louvo;
 lamento o vencedor ceder vencido.
 Por gregas urbes corre vergonhosa Fama,
 que deve ser desdita por teus feitos:
 àquele, o qual nem Juno e a série de trabalhos 5
 jamais venceram, Íole impôs um jugo.
 Isto quer Euristeu,¹⁰ quer isto a irmã¹¹ de Jove,
 tal mancha alegraria a tua madrastra,
 mas não aquele a quem uma só noite (dizem)
 não foi bastante para conceber-te.¹² 10
 Mais do que Juno, Vênus te maltrata. Aquela
 punindo, te elevou; esta, te humilha.
 Vê como a tua força apaziguou o mundo
 todo, que o mar azul tem contornado;
 a ti se deve a paz nas terras e nas águas; 15
 encheste leste e oeste com teus préstimos;
 chegaste a sustentar o céu que irá portar-te;¹³
 os astros Atlas pôs nos ombros de Hércules.¹⁴
 No entanto, o que é, senão vergonha deplorável,
 manchar com infâmia os teus primeiros feitos? 20
 Não dizem que esmagaste as duplicadas cobras,¹⁵
 provando ser de Jove desde o berço?
 Começaste melhor do que estás terminando;
 quão diferente é o homem do menino!

¹⁰ Rei de Micenas e Tirinto que, a pedido de Juno, impôs a Hércules os doze trabalhos (*Met.* 9.274).

¹¹ A deusa Juno é esposa e irmã de Jove, por também ser filha de Saturno (*Met.* 1.616).

¹² Referência à longa noite de amor entre Jove (disfarçado de Anfitrião) e Alcmena, na qual Hércules foi concebido e cuja duração foi duplicada pelo deus (*HIG.* 29.2).

¹³ No final da vida, Hércules será transportado aos céus por Jove (*Met.* 9.271-273).

¹⁴ Alusão a um dos trabalhos, no qual, para conseguir as maçãs de ouro do jardim das Hespérides, Hércules teria sustentado o céu no lugar de Atlas (*Met.* 9.190, 198).

¹⁵ Ainda no berço, ao esmagar duas cobras enviadas por Juno para estrangulá-lo, Hércules deu a primeira demonstração de força (*Met.* 9.67). Esse evento será mencionado novamente nos versos 85-86.

Aquele que nem Juno, Esteneleio¹⁶ e monstros 25
 mil puderam vencer, o Amor venceu.
 Dizem que tive sorte em desposar nobre Hércules
 e ter por sogro o deus altissonante.
 Bem como o arado é impróprio a bois de altura vária,
 um esposo ilustre oprime a esposa humilde; 30
 [não é honroso, é um fardo viver de aparência;
 casa-se bem quem com um igual se casa.]
 Meu homem sempre ausente, perseguindo feras,
 parece, mais do que um marido, um hóspede,
 enquanto eu fico em casa, só, com minhas preces, 35
 temendo que ele caia ante o inimigo;
 cogito em javalis, leões famintos, hidras
 e cães por três gargantas tragadores.
 As vísceras dos bichos, sonhos sem sentido
 e todos os sinais da noite aterram-me. 40
 Eu, triste, fico à espreita de boatos dúbios,
 e a fé se torna medo e vice-versa.
 Tua mãe,¹⁷ longe, lamenta ter sido de Jove,
 nem estão por perto Anfitrião¹⁸ nem Hilo;¹⁹
 tudo o que vejo é a fúria de Euristeu, ministro 45
 da iníqua Juno, e a longa ira da deusa.
 Mas isso é pouco. Amores peregrinos somas
 e qualquer uma pode dar-te filhos.
 Não falarei do estupro de Auge, no Partênio,
 e nem do filho da menina ormênida;²⁰ 50
 nem vou te incriminar pelas irmãs teutranes,²¹
 turba da qual nenhuma tu poupaste;
 relembrarei somente o último adultério,
 que fez do lídio Lamo eu ser madrastra.

¹⁶ Nova referência a Euristeu, chamado *Scheneleius* por ser filho de Estênelo (*Met.* 9.273-274).

¹⁷ Alcmena, esposa de Anfitrião, seduzida por Jove (*Met.* 9.23-26).

¹⁸ Em latim, Dejanira diz *pater Amphitryon*, por ser este considerado o pai mortal de Hércules.

¹⁹ Hilo é filho de Dejanira e Hércules (*Met.* 9.279).

²⁰ Provavelmente, trata-se de Astidameia, filha do rei Ormênio. Hércules tinha pedido a este a mão de sua filha. Com a recusa, o herói atacou a cidade e levou Astidameia consigo, com quem teve um filho, chamado Ctésipo (DIOD. 4.37.4-5).

²¹ Alusão às cinquenta filhas de Téspio (descendente de Teutra), o qual, querendo ter netos divinos, as teria oferecido a Hércules (DIOD. 29.2-6).

Meandro,²² sempre errante pelas mesmas terras, 55
 volvendo sobre si turvadas águas,
 viu certos colarzinhos no pescoço de Hércules,
 o mesmo a quem o céu foi coisa leve.
 Não tiveste vergonha de enfeitar teus músculos
 com joias e adornar com o ouro os braços. 60
 Sem dúvida extinguiste o monstro da Nemeia,
 cuja pele te cobre o ombro esquerdo!
 Ousaste ornar com a mitra²³ o teu cabelo hirsuto.
 À coma hercúlea o choupo²⁴ é mais propício.
 Será que não te peja, qual mulher lasciva, 65
 cingires-te com cinta da Meônia?²⁵
 Será que não te lembras mais de Diomedes
 cruel, que dava às éguas carne humana?
 Se tivesse te visto em trajas tais, Busíris²⁶
 teria mais vergonha da derrota. 70
 Anteu²⁷ te arrancaria os cordões do pescoço,
 por pejo de tombar ante um maricas.
 Dizem que até fiaste entre as meninas jônicas,
 obediente às ordens da rainha.
 Estas mãos que venceram, Alcides,²⁸ mil trabalhos, 75
 a tricotar cestinhos ocupaste;
 pegavas os novelos com teus dedos grossos
 e os entregava à bela concubina!
 Ah! Quantas vezes, quando os fios enrolavas,
 tuas vigorosas mãos quebraram os fusos! 80
 [Crerão que aos pés da tua dona estremeceste,
 temendo ser punido a chicotadas.
 Ali, tu recontavas grandiosos feitos,]
 os quais era melhor ter omitido,
 como o estrangulamento das cruéis serpentes 85
 que se enrolaram em tuas mãos infantas,

²² Deus-rio da Frígia (*Met.* 9.451).

²³ Enfeite do oriente usado pelas mulheres (OVIDE, 1961, p. 54, nota 5).

²⁴ Ao descer ao submundo para capturar o cão Cérbero, Hércules fez uma coroa com folhas de choupo (OVIDE, 1961, p. 54, nota 6).

²⁵ Antigo nome da Lídia, onde reinava Ônfale (DIOD. 4.31.7).

²⁶ Rei do Egito que sacrificava os estrangeiros que entravam em seu país (*Met.* 9.182-183; DIOD. 4.27.3).

²⁷ Gigante, filho da Terra, derrotado por Hércules (*Met.* 9.183-184).

²⁸ Por ser neto de Alceu, Hércules é também chamado Alcides.

ou como o javali tegeu²⁹ tombou vencido
 por ti, sobre os ciprestes de Erimanto.
 Não suprimiste os crânios dos currais da Trácia,
 tampouco as gordas éguas antropófagas, 90
 e a tríplice façanha com o rebanho ibérico
 de Gérion,³⁰ que três era num único,
 nem Cérbero, com o mesmo tanto de cabeças
 caninas, cujos pelos são serpentes,
 nem hidra,³¹ que das próprias chagas renascia 95
 mais forte e numerosa do que outrora,
 nem mesmo o que morreu, pesadíssima carga,
 erguido e asfixiado³² por teus braços,
 e a tropa prepotente dos centauros³³ híbridos,
 expulsa das montanhas da Tessália. 100
 Podes narrar tais coisas em sidônios³⁴ trajés?
 Tal roupa não te faz dobrar a língua?
 Tuas armas adornaram a filha de Iárdano,³⁵
 que fez de ti troféu, herói cativo.
 Reconta agora, vai, teus atos de bravura; 105
 verás que, mais que tu, foi ela heroica.
 O quanto te vencer supera o que venceste,
 abaixo dela tanto te puseste.³⁶
 Àquela cabe o mérito dos teus prodígios;
 cedeste à tua amante a glória toda. 110
 Ah, que vexame! A pele de um leão terrível
 foi posta sobre ombrinhos delicados.

²⁹ Referência à captura do javali de Erimanto, um monte da Arcádia, na cidade de Tégea, daí “javali tegeu” (*Met.* 9.192).

³⁰ Gigante de três cabeças e corpo triplo da cintura para cima. Por ordem de Euristeu, Hércules teve de roubar os bois (“rebanho ibérico”) de Gérion, que foi morto pelo herói (*Met.* 9.184-185).

³¹ A hidra de Lerna. Cada vez que Hércules decepava uma de suas cabeças, nasciam outras duas no lugar (*Met.* 9.69-74).

³² Trata-se do gigante Anteu, já citado mais acima (v. 71). Hércules percebeu que a força de Anteu provinha de seu contato com a Terra. Para vencê-lo, o herói teve de erguê-lo do chão e enforcá-lo (*Met.* 9.183-184).

³³ Provável alusão à batalha entre Lápitas e Centauros (*Met.* 12.210-458).

³⁴ Referência aos tecidos de púrpura produzidos na Sidônia, cidade da Fenícia (*Met.* 10.267).

³⁵ Iárdano é pai de Ônfale.

³⁶ Como argumentamos na introdução, esse dístico (107-108) encerra um silogismo que acabará servindo à própria Dejanira. Uma tradução mais literal diria: “És tão inferior a ela, ó maior dos homens, quanto vencer a ti seria superior a vencer os que venceste”.

Tal pele, na verdade, é tua e não do monstro,
 pois tu venceste a fera; e ela a ti.

Uma mulher, que mal da roca o peso aguenta, 115
 arrebatou-te as flechas venenosas,³⁷
 tomou na mão a clava de abater as feras
 e olhou, no espelho, as armas do consorte.
 Mas disso ouvi falar; podia até não crer.

Eis que outra dor passou do ouvido à vista; 120
 adúltera estrangeira a mim tu enviaste,³⁸
 nem posso disfarçar meu sofrimento.

Não deixas que eu renegue; escrava, ela passeia
 pela cidade e a vejo, a contragosto,
 sem estar desgrenhada, qual uma prisioneira, 125
 tampouco cabisbaixa ou lamentosa;
 ela avança exibida, envolta em muito ouro,
 vestida como tu quando na Frígia;
 quem vê, chega a pensar que tu foste vencido,
 que Ecália está de pé e Êurito³⁹ reina. 130
 Pode até ser que expulse Dejanira etólida,⁴⁰
 sendo ela esposa em vez de rapariga,
 e um casamento torpe há de ajuntar os corpos
 do ensandecido Alcídes com o de Íole.

Até perco o sentido quando penso nisso, 135
 com frias mãos caídas sobre o colo.

Amaste a muitas outras, mas, a mim, sem culpa;
 por duas vezes, tu me defendeste:
 na primeira, Aqueloo,⁴¹ com o chifre mutilado,
 submergiu nas águas pantanosas, 140
 e, na segunda, Nesso sucumbiu no Eveno,
 manchando com o sangue equino as águas.
 Mas por que conto isso? Enquanto escrevo, a Fama
 diz que, por meu vil manto, estás morrendo.

³⁷ Após vencer a hidra de Lerna, Hércules mergulhou suas flechas no sangue do monstro, de modo que elas passaram a provocar feridas incuráveis (*Met.* 9.126-130; *DIOD.* 4.11.5-6).

³⁸ Ovídio parece estar seguindo a versão na qual Íole havia sido feita cativa e enviada como escrava a Dejanira por Hércules (*HIG.* 35, 36).

³⁹ Em sua investida contra a Ecália, Hércules matou os pais e irmãos de Íole (*HIG.* 31.9; 35).

⁴⁰ Gentílico para designar um habitante da Etólia, cidade natal de Dejanira.

⁴¹ Aqueloo é um deus-rio. Ao lutar contra Hércules pelo amor de Dejanira, transformou-se num touro e teve um dos chifres arrancados pelo herói (*Met.* 9.77-86).

Ai de mim! Que fiz eu? O amor me enlouqueceu? 145
 Por que não morres logo, Dejanira?
 [Teu cônjuge expirando no meio do Eta,⁴²
 e tu, que deste a causa, sobrevives?
 Se fiz por merecer ser dita esposa de Hércules,
 penhor dessa união será minha morte! 150
 Verás que sou tua irmã, Meléagro, de fato.
 Por que não morres logo, Dejanira?]
 Ah, desgraçada estirpe! Ágrio usurpou o trono,
 enquanto Eneu jaz velho e abandonado;
 dos meus irmãos, Tideu da pátria foi banido, 155
 o outro, ainda vivo, foi queimado
 e a minha mãe cravou, no próprio peito, a espada.
 Por que não morres logo, Dejanira?!
 Só peço, pelas sacras leis do matrimônio,
 que eu não pareça ter te atraído. 160
 Ávido Nesso, quando o flechaste, me disse:
 “De amor, possui poder este meu sangue”.
 Por isso é que enviei-te o manto envenenado.
 Mata-te logo, ó ímpia Dejanira!
 Adeus, meu velho pai e Gorge, irmã querida, 165
 adeus, ó pátria e irmão expatriado,
 adeus, ó luz do dia, adeus marido (salva-te!),
 e tu, Hilo, filhinho meu, adeus.

DEIANIRA HERCULI (EP. 9)

Gratulor Oechaliam titulis accedere nostris;
Victorem uictae subcubuisse queror.
Fama Pelasgiadas subito peruenit in urbes
Decolor et factis infitianda tuis,
Quem numquam Iuno seriesque immensa laborum 5
Fregerit, huic Iolen imposuisse iugum.
Hoc uelit Eurystheus, uelit hoc germana Tonantis,
Laetaque sit uitae labe nouerca tuae,
At non ille uetit, cui nox (sic creditur) una
Non tanti ut tantus conciperere fuit. 10

⁴² Foi no monte Eta, entre a Tessália e a Etólia, que Hércules sucumbiu ao vestir a túnica envenenada (*Met.* 9.157-238).

*Plus tibi quam Iuno nocuit Venus; illa premendo
 Sustulit, haec humili sub pede colla tenet.
 Respice uindicibus pacatum uiribus orbem,
 Qua latam Nereus caeruleus ambit humum;
 Se tibi pax terrae, tibi se tuta aequora debent; 15
 Implesti meritis solis utramque domum;
 Quod te laturum est, caelum prius ipse tulisti;
 Hercule supposito sidera fulsit Atlans.
 Quid nisi notitia est misero quaesita pudori,
 Si maculas stupri facta priora nota? 20
 Tene ferunt geminos pressisse tenaciter angues,
 Cum tener in cunis iam Ioue dignus eras?
 Coepisti melius quam desinis; ultima primis
 Cedunt; dissimiles hic uir et ille puer.
 Quem non mille ferae, quem non Stheneleius hostis, 25
 Non potuit Iuno uincere, uincit Amor.
 At bene nupta feror, quia nominer Herculis uxor
 Sitque socer rapidis qui tonat altus equis.
 Quam male inaequales ueniunt ad aratra iuuenci,
 Tam premitur magno coniuge nupta minor; 30
 [Non honor est sed onus species laesura ferentes;
 Siqua uoles apte nubere, nube pari.]
 Vir mihi semper abest, et coniuge notior hospes
 Monstraque terribiles persequiturque feras;
 Ipsa domo uidua uotis operata pudicis 35
 Torqueor, infesto ne uir ab hoste cadat;
 Inter serpentes aprosque auidosque leones
 Iactor et hausuros terna per ora canes.
 Me pecudum fibrae simulacraque inania somni
 Omniaque arcana nocte petita mouent. 40
 Aucupor infelix incertae murmura famae,
 Speque timor dubia spesque timore cadit.
 Mater abest queriturque deo placuisse potenti,
 Nec pater Amphitryon nec puer Hyllus adest;
 Arbiter Eurystheus irae Iunonis iniquae 45
 Sentitur nobis iraque longa deae.
 Haec mihi ferre parum. Peregrinos addis amores
 Et mater de te quaelibet esse potest.
 Non ego Partheniis temeratam uallibus Augen,
 Nec referam partus, Ormeni nympha, tuos; 50
 Non tibi crimen erunt, Teuthrantia turba, sorores,
 Quarum de populo nulla relictata tibi est;*

<i>Vna, recens crimen, referetur adultera nobis, Vnde ego sum Lydo facta nouerca Lamo.</i>	
<i>Maeandros, terris totiens errator in isdem, Qui lassas in se saepe retorquet aquas, Vidit in Herculeo suspensa monilia collo, Illo, cui caelum sarcina parua fuit. Non puduit fortis auro cohibere lacertos, Et solidis gemmas opposuisse toris.</i>	55 60
<i>Nempe sub his animam pestis Nemeaea lacertis Edidit, unde umerus tegmina laeuus habet! Ausus es hirsutos mitra redimire capillos. Aptior Herculeae populus alba comae.</i>	
<i>Nec te Maeonia lasciuae more puellae Incingi zona dedecuisse putes? Non tibi succurrit crudi Diomedis imago, Efferus humana qui dape pauit equas? Si te uidisset cultu Busiris in isto, Sic uictor uicto nempe pudendus eras.</i>	65 70
<i>Detrahat Antaeus duro redimicula collo, Ne pigeat molli subcubuisse uiro. Inter Ioniacas calathum tenuisse puellas Diceris et dominae pertimuisse minas.</i>	
<i>Non fugis, Alcide, uictricem mille laborum Rasilibus calathis supposuisse manum Crassaque robusto deducis pollice fila Aequaque formosae pensa rependis erae! A! quotiens, digitis dum torques stamina duris, Praeualidae fusos comminuere manus!</i>	75 80
<i>[Crederis infelix scuticae tremefactus habenis] Ante pedes dominae [procubuisse tuae.⁴³ Eximias pompas, immania semina laudum] Factaque narrabas dissimulanda tibi, Scilicet immanes elisis faucibus hydros Infantem caudis inuoluuisse manum, Vt Tegaeus aper [in] cupressifero Erymantho Incubet et uasto pondere laedat humum.</i>	 85

⁴³ Os versos 81 e 83 não constam no *Codex Parisinus* 8242 (séc. IX), mas aparecem na edição de Heinsius (séc. XVII). Já o verso 82 apresenta lacuna em todas as edições e Bornecque (1961, p. 55) informa que alguns manuscritos, após *ante pedes dominae*, repetem a segunda metade do verso 74 (*pertimuisse minas*). Para não deixarmos o texto mutilado, preferimos seguir aqui a versão adotada por Emile Ripert (1932, p. 112).

<i>Non tibi Threiciis adfixa penatibus ora,</i>	
<i>Non hominum pingues caede tacentur equae</i>	90
<i>Prodigiumque triplex, armenti diues Hiberi</i>	
<i>Geryones, quamuis in tribus unus erat,</i>	
<i>Inque canes totidem trunco digestus ab uno</i>	
<i>Cerberos implicitis angue minante comis,</i>	
<i>Quaeque redundabat fecundo uulnere serpens</i>	95
<i>Fertilis et damnis diues ab ipsa suis,</i>	
<i>Quique inter laeuumque latus laeuumque lacertum</i>	
<i>Praegraue compressa fauce pependit onus,</i>	
<i>Et male confisum pedibus formaque bimembri</i>	
<i>Pulsum Thessalicis agmen equestre iugis.</i>	100
<i>Haec tu Sidonio potes insignitus amictu</i>	
<i>Dicere? non cultu lingua retenta silet?</i>	
<i>Se quoque nympa tuis ornauit Iardanis armis</i>	
<i>Et tulit a capto nota tropaea uiro.</i>	
<i>I nunc, tolle animos et fortia gesta recense;</i>	105
<i>Quom tu non esses, iure uir illa fuit.</i>	
<i>Qua tanto minor es, quanto te, maxime rerum,</i>	
<i>Quam quos uicisti, uincere maius erat.</i>	
<i>Illi procedit rerum mensura tuarum;</i>	
<i>Cede bonis, heres laudis amica tuae.</i>	110
<i>O pudor! hirsuti costis exuta leonis</i>	
<i>Aspera texerunt uellera molle latus.</i>	
<i>Falleris et nescis; non sunt spolia illa leonis,</i>	
<i>Sed tua, tuque feri uictor es, illa tui.</i>	
<i>Femina tela tulit Lernaeis atra uenenis,</i>	115
<i>Ferre grauem lana uix satis apta colum,</i>	
<i>Instruxitque manum claua domitrice ferarum</i>	
<i>Vidit et in speculo coniugis arma sui.</i>	
<i>Haec tamen audieram; licuit non credere famae.</i>	
<i>En uenit ad uisus mollis ab aure dolor.</i>	120
<i>Ante meos oculos adducitur aduena paelex,</i>	
<i>Nec mihi, quae patior, dissimulare licet.</i>	
<i>Non sinis auerti; mediam captiua per urbem</i>	
<i>Inuitis oculis adspicienda uenit,</i>	
<i>Nec uenit incultis captarum more capillis,</i>	125
<i>Fortunam uultu fassa decente suam;</i>	
<i>Ingreditur late lato spectabilis auro,</i>	
<i>Qualiter in Phrygia tu quoque cultus eras;</i>	
<i>Dat uultum populo sublimis, ut Hercule uicto</i>	
<i>Oechaliam uiuo stare parente putes.</i>	130

<i>Forsitan et pulsa Aetolide Deianira</i>	
<i>Nomine deposito paelicis uxor erit</i>	
<i>Eurytidosque Ioles Atque insani Alcidae</i>	
<i>Turpia famosus corpora iunget Hymen.</i>	
<i>Mens fugit admonitu frigusque perambulat artus</i>	135
<i>Et iacet in gremio languida facta manus.</i>	
<i>Me quoque cum multis, sed me sine crimine amasti;</i>	
<i>Ne pigeat, pugnae bis tibi causa fui.</i>	
<i>Cornua flens legit ripis Achelous in udis</i>	
<i>Truncaque limosa tempora mersit aqua;</i>	140
<i>Semiuir occubuit in lotifero Eueno</i>	
<i>Nessus, et infecit sanguis equinus aquas.</i>	
<i>Sed quid ego haec refero? scribenti nuntia uenit</i>	
<i>Fama, uirum tunicae tabe perire meae.</i>	
<i>Ei mihi! quid feci? quo me furor egit amantem?</i>	145
<i>Impia quid dubitas Deianira mori?</i>	
<i>[An tuus in media coniunx lacerabitur Oeta,</i>	
<i>Tu sceleris tanti causa superstes eris?</i>	
<i>Ecquid adhuc habeo facti cur Herculis uxor</i>	
<i>Credar? coniugii mors mea pignus erit!</i>	150
<i>Tu quoque cognosces in me, Meleagre, sororem.</i>	
<i>Impia quid dubitas Deianira mori?]</i>	
<i>Heu deuota domus! solio sedet Agrios alto,</i>	
<i>Oenea desertum nuda senecta premit;</i>	
<i>Exulat ignotis Tydeus germanus in oris;</i>	155
<i>Alter fatali uiuus in igne fuit;</i>	
<i>Exegit ferrum sua per praecordia mater.</i>	
<i>Impia quid dubitas Deianira mori?</i>	
<i>Deprecor hoc unum per iura sacerrima lecti,</i>	
<i>Ne uidear fatis insidiata tuis.</i>	160
<i>Nessus, ut est auidum percussus arundine pectus,</i>	
<i>“Hic, dixit, uires sanguis amoris habet”.</i>	
<i>Inlita Nesseo misi tibi texta ueneno.</i>	
<i>Impia quid dubitas Deianira mori?</i>	
<i>Iamque uale, seniorque pater germanaque Gorge</i>	165
<i>Et patria et patriae frater adempte tuae,</i>	
<i>Et tu lux oculis hodierna nouissima nostris</i>	
<i>Virque (sed o possis!) et puer Hylle, uale.</i>	

REFERÊNCIAS

- DIODORUS OF SICILY. *The library of history*. Book II. English translation by C. H. Oldfather. Harvard: Harvard University Press, 1967.
- FULKERSON, Laurel. "The *Heroides*: female elegy?". In: KNOX, Peter. *A companion to Ovid*. Blackwell, 2009. [p. XXX]
- GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 2011.
- HIGINO. *Fabulae*. Introdução y traducción de Javier del Hoyo e José Miguel García Ruiz. Madrid: Gredos, 2009.
- LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Tradução de R. M. Rosado Fernandes. 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.
- LIVELEY, Genevieve. Paraquel lines: time and narrative in Ovid's *Heroides*. In: LIVELEY, Genevieve; SALZMAN-MITCHELL, Patricia. *Latin elegy and narratology: fragments of story*. Ohio State University, 2008. p. 86-102.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso literário*. Tradução de Adail Sobral. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018.
- MELO, João Victor Leite. Retraduzindo as *Heroides* de Ovídio: a carta de Medeia a Jasão. *Translatio*. Porto Alegre, n. 21. p. 73-94, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/translatio/article/view/111945/63804>
- OLIVA NETO, João Angelo. 11 poemas de Propércio (I, 1-11) traduzidos com o verdadeiro dístico elegíaco de Péricles Eugênio da Silva Ramos. In: *Cadernos de literatura em tradução*. Org. João Angelo Oliva Neto. São Paulo: FFLCH, 2015. p. 151-184.
- OVIDE. *Héroïdes*. Texte établi par Henri Bornecque et traduit par Marcel Prévost. 2. ed. Paris: Les Belles Lettres, 1961.
- OVIDE. *Les Héroïdes*. Traduction, introduction, notes et texte établis par Émile Ripert. Paris: Garnier Frères, 1932.
- OVIDE. *Les Métamorphoses*: texte établi et traduit par Georges Lafaye. Paris: Les Belles Lettres, 1970.

Recebido: 27/7/2021

Aceito: 10/5/2022

Publicado: 12/5/2022